

ROTEIRO DE PRÁTICAS LEITORAS PARA A ESCOLA II

FOLCLORE: RESGATANDO A CULTURA

3º e 4º anos do ensino fundamental

Tania Mariza Kuchenbecker Rösing
Lisiane Vieira



Coleção Mundo da Leitura

ROTEIRO DE PRÁTICAS LEITORAS PARA A ESCOLA II

FOLCLORE RESGATANDO A CULTURA

3º e 4º anos do ensino fundamental

Tania Mariza Kuchenbecker Rösing
Lisiane Vieira

2011





UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

José Carlos Carles de Souza

Reitor

Neusa Maria Henriques Rocha

Vice-Reitora de Graduação

Leonardo José Gil Barcellos

Vice-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Lorena Terezinha Geib

Vice-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários

Agenor Dias de Meira Júnior

Vice-Reitor Administrativo

UPF Editora

Carme Regina Schons

Editora

Zacarias Martin Chamberlain Pravia

Editor das Revistas Institucionais

CONSELHO EDITORIAL

Altair Alberto Fávero

Alvaro Della Bona

Ana Carolina Bertoletti de Marchi

Andrea Poleto Oltramari

Carme Regina Schons

Cleiton Chiamonti Bona

Elci Lotar Dickel

Fernando Fornari

Graciela René Ormezzano

João Carlos Tedesco

Renata Holzbach Tagliari

Rosimar Serena Siqueira Esquinsani

Sergio Machado Porto

Zacarias Martin Chamberlain Pravia

Copyright © Editora Universitária

Tania Mariza Kuchenbecker Rösing

Beatriz Calegari Segal

Revisão de Texto

Zero3 Comunicação e Design

Produção da Capa

Zero3 Comunicação e Design

Projeto Gráfico e Diagramação

Assessoria de Imprensa UPF

Acervo Mundo da Leitura

Fotos

Este livro no todo ou em parte, conforme determinação legal, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa e por escrito do autor ou da editora. A exatidão das informações e dos conceitos e opiniões emitidos, as imagens, tabelas, quadros e figuras são de exclusiva responsabilidade dos autores.

Beneficiário de auxílio financeiro da CAPES - Brasil

CIP – Catalogação na Publicação

R821r Rösing, Tania Mariza Kuchenbecker
Roteiro de práticas leitoras para a escola II : folclore :
resgatando a cultura : 3º e 4º anos do ensino fundamental /
Tania Mariza Kuchenbecker, Lisiane Vieira. – Passo Fundo :
Ed. Universidade de Passo Fundo, 2011.
52 p. : il. ; 24 cm. – (Mundo da leitura)

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-7515-779-4

1. Folclore e educação. 2. Cultura. 3. Leitura - Prática. 4.
Leitura - Desenvolvimento. I. Vieira, Lisiane. II. Título. III.
Série.

CDU : 028.1

Catalogação: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

Editora UPF afiliada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

UPF EDITORA

Campus I, BR 285 - Km 171 - Bairro São José

Fone/Fax: (54) 3316-8373

CEP 99001-970 - Passo Fundo - RS - Brasil

Home-page: www.upf.br/editora

E-mail: editora@upf.br

Apresentação.....	5
Introdução.....	19
Prática Leitora no Mundo da Leitura.....	21
Registro Iconográfico.....	25
Prática Leitora na Escola	
Atividade 1: A oralidade da trova e da quadra.....	27
Atividade 2: Oralizando ditos populares.....	31
Atividade 3: Contando com a oralidade.....	33
Atividade 4: Superstição - fechando a tesoura.....	35
Atividade 5: Brinquedos e cantigas folclóricas.....	37
Referências.....	41
Sugestões de Leitura.....	47

Possibilidades de aprimoramento da leitura no contexto da escola

Tania Mariza Kuchenbecker Rösing*

“A situação dos professores perante a mudança social é comparável à de um grupo de actores, vestidos com trajes de determinada época, a quem sem prévio aviso se muda o cenário, em metade do palco, desenrolando um novo pano de fundo, no cenário anterior. Uma nova encenação pós-moderna, colorida e fluorescente, oculta a anterior, clássica e severa. A primeira reacção dos actores seria a surpresa. Depois, tensão e desconcerto, com forte sentimento de agressividade, desejando acabar o trabalho para procurar os responsáveis, a fim de, pelo menos, obter uma explicação. Que fazer?”

José M. Esteve

Diversidade de leitura e tipos de leitor

As possibilidades de leitura são infinitas na atualidade. Leitores com maior ou menor experiência de leitura apresentam interesse e entusiasmo diferenciados, mais ou menos intensos, diante da oportunidade de realizarem práticas singulares de leitura. Leitores de diferentes idades manifestam-se de forma distinta em meio à diversidade de materiais de leitura. Entre as hipóteses que podem ser levantadas sobre desempenho de leitura, encontram-se leitores mais avançados em idade cuja preferência recai sobre o texto impresso, em especial sobre o livro, prática desenvolvida desde o século XVI. Emocionam-se com o contato com o papel e o cheiro que este exala; chamam-lhe a atenção detalhes presentes no formato do livro e entre os elementos que compõem a capa; desperta-lhes interesse o tipo de letra, a disposição do texto na “mancha” em que se constitui

*Doutora em Letras pela PUC/RS. Professora do Curso de Mestrado em Letras da Universidade de Passo Fundo/RS. Coordenadora do Centro de Referência de Literatura e Multimeios da UPF.



a página. Detém-se nas ilustrações, nas técnicas empregadas, nas fotografias. São pessoas que reservam não apenas em suas vidas, mas no lugar onde residem, ou mesmo onde trabalham, espaço especial para guardá-los. Essa realidade leva-nos a entender que esses leitores desenvolvem uma leitura individual, silenciosa, meditativa, desautomatizada. É o tipo de leitor cognominado por Santaella como contemplativo, meditativo:

Esse tipo de leitura nasce da relação íntima entre o leitor e o livro, leitura do manuseio, da intimidade, em retiro voluntário, num espaço retirado e privado,, que tem na biblioteca seu lugar de recolhimento, pois o espaço de leitura deve ser separado dos lugares de divertimento mais mundano. Mesmo quando se dá em tais lugares, o leitor se concentra na sua atividade interior, separando-se do ambiente circundante. (SANTAELLA, 2004, p. 23)

Tal classificação não significa que esse leitor desenvolva apenas um sentido para sua leitura. Não significa também que seja leitor de um livro só. Envolve-se com livros de qualidade os quais permitem-lhe acumular grande experiência de leitura, ao mesmo tempo em que lê em quantidade. Essa atividade leitora ampliada assume, no cotejo entre os textos, importância maior para o leitor na apreensão dos conteúdos e na apropriação de significados que construiu no desenvolvimento de sua cidadania: “esse primeiro tipo de leitor é aquele que tem diante de si objetos e signos duráveis, imóveis, localizáveis, manuseáveis: livros, pinturas, gravuras, mapas, partituras.” (SANTAELLA, 2004, p. 24)

Na condição de cidadãos, de habitantes da cidade portanto, contatamos com pessoas que circulam nos mais diferentes grupos sociais, nos mais diversificados contextos, pertencentes a origens variadas, culturalmente distanciadas. Todos e cada um mantemos identidades específicas. Enquanto mediadores de leitura, a partir da percepção de mundo enquanto metáfora de texto universal, temos a oportunidade de vivenciar leituras específicas, ao mesmo tempo que convivemos com outros que

apresentam olhares únicos, irrepetíveis, na leitura que fazem do mundo em que vivem. Estamos conscientes de que os outros configuram-se também como tipos de leitor entre os quais se destaca o que circula na diversidade da população de uma cidade de pequeno e médio portes, ou mesmo na complexidade das multidões que habitam as grandes cidades. Manifesta esse outro tipo de leitor interesse singular pelo ineditismo das notícias de seu bairro, de sua cidade e que se ampliam para o país e para o mundo, divulgadas em jornais, entre as mídias disponíveis a cada momento histórico, a cada etapa da inovação tecnológica. Envolve-se com imagens num verdadeiro mosaico imagético-sígnico que muda com a velocidade peculiar a cada fase da história da humanidade. Na continuidade da interlocução teórica com Santaella, podemos identificar este segundo tipo como leitor movente, fragmentado:

[...] aquele que nasce com o advento do jornal e das multidões nos centros urbanos habitados de signos. É o leitor que foi se ajustando a novos ritmos da atenção, ritmos que passam com igual velocidade de um estado fixo para um móvel. É o leitor treinado nas distrações fugazes e sensações evanescentes cuja percepção se tornou uma atividade instável, de intensidades desiguais. É, enfim, o leitor apressado de linguagens efêmeras, híbridas, misturadas, fugazes. Mistura que está no cerne do jornal, primeiro grande rival do livro. (SANTAELLA, 2004, p. 29)

A viagem à interioridade do ser, percorrida na leitura realizada pelo leitor meditativo, que propicia a contemplação do surgimento de nuances do imaginário, (re)criadas nesse espaço profundo, assume outra aparência em se tratando de um leitor movente, fragmentado: ao efetivar a leitura, encontra signos verbais em meio a imagens, sons e movimentos apresentados em ritmos diferentes e, muitas vezes, com maior velocidade, mesclando real e imaginário.

O final do século XX e a primeira década século XXI são



marcados pela riqueza do envolvimento de nativos digitais, ou mesmo de migrantes do impresso para o digital, com telas:

Telas, entendidas como metonímia dos multimeios, não são objeto da aura de que o livro se revestiu ao longo do tempo, atitude esta que se intensificou a partir das últimas décadas do século XX. Tanto mais se valorizou o livro quanto mais ele perdeu espaço para a tela, com a qual passou a concorrer ostensivamente. (ZILBERMAN, 2011, p. 83)

Se compararmos a leitura do livro com a da tela, devemos salientar que o livro pressupõe o domínio da escrita e sua aprendizagem envolve diretamente a frequência ao espaço escolar. O processo de deciframento de conteúdos na tela pressupõe a ação do leitor imersivo, terceiro tipo de leitor emergente da proposta defendida por Santaella na sequência de suas contribuições teóricas sobre a navegação no ciberespaço: “aquele que navega entre nós e nexos, construindo roteiros não lineares, não sequenciais.” (SANTAELLA, 2004, p.37)

Num olhar bastante inicial, já se percebe que as competências de um leitor imersivo não dependem apenas da frequência à escola: “a navegação interativa entre nós e nexos pelos roteiros alineares do ciberespaço envolve transformações sensoriais, perceptivas e cognitivas que trazem consequências também para a formação de um novo tipo de sensibilidade corporal, física e mental.” (SANTAELLA, 2004, p. 34).

As rotas semióticas que podem ser assumidas pelo leitor imersivo são constituídas de múltiplos, infinitos e labirínticos caminhos, que podem ser percorridos e controlados a partir das escolhas feitas pelo leitor, considerando seu potencial cognitivo, sua sensibilidade, e o uso de métodos de busca e de solução de problemas, cuja eficiência não está garantida apenas pela oportunidade de frequentar uma escola.

Em nosso convívio diário e contemporâneo com representantes de distintas gerações, constatamos que é a geração mais jovem, notadamente os nascidos a partir de 1990, a que possui as melhores condições de navegação no ciberespaço, entendido

como “todo e qualquer espaço informacional, multidimensional que, dependente da interação do usuário, permite a este o acesso, a manipulação, a transformação e o intercâmbio de seus fluxos codificados de informação.” (SANTAELLA, 2004, p. 45)

Subsídios teóricos permitem um entendimento maior e mais profundo das peculiaridades de um novo campo do saber. É preciso ter em mente a clara relação entre as letras concretas do livro e sua transformação em bites; entre página em branco e o campo do monitor; entre caneta/lápis e teclado; entre a materialidade do texto e a sua virtualidade; entre a aproximação do material de leitura do corpo do leitor e seu distanciamento na virtualidade referida.

O convívio com diferentes tipos de leitor e a observação de seus comportamentos no ato de ler requer o envolvimento com subsídios teóricos com a qualidade e a contemporaneidade dos estudos realizados por Lúcia Santaella, publicados com o título *Navegar no ciberespaço - o perfil cognitivo do leitor imersivo*. Tais estudos permitem que se tenha entendimento profundo em linguagem compreensível das reflexões acerca das concepções atuais da leitura e de seus desdobramentos nos tipos de leitor. Estes sofrem alterações em função das necessidades, das inovações e da velocidade das mudanças praticadas em diferentes contextos. O convívio reflexivo com novos tipos de leitor amplia nosso entusiasmo pela busca de concepções contemporâneas e, ao mesmo tempo, convincentes que norteiam os (des)caminhos da leitura em tempos de ciberespaço, cibercultura, hipermídia.

Práticas leitoras no Mundo da Leitura, na escola e na família

A continuidade do desenvolvimento de práticas leitoras multimídiais com os usuários do Centro de Referência de Literatura e Multimeios, conhecido afetivamente como o Mundo da Leitura, com as devidas mudanças e aprimoramentos efetivos, permite que se possa avaliar o entusiasmo ou a indiferença desses usuários pela leitura, levantar interesses e necessidades e



identificar suas reações na interação com diferentes materiais de leitura apresentados em distintos suportes. Considerando que o tempo de visita é de apenas duas horas, não é possível realizar, de forma mais aprofundada, esse conjunto de avaliações ao lado dos levantamentos referidos.

Em vista do exposto, mais uma vez, a equipe de monitores responsável pela criação das práticas leitoras e pela execução das mesmas com distintos públicos que abrangem alunos da educação infantil à educação superior, sob a orientação de professores do curso de Letras da Universidade de Passo Fundo, propõe duas etapas no trabalho. A primeira, compõe-se de um conjunto de atividades de leitura a serem desenvolvidas durante a visita ao espaço multimídia, a partir de um foco temático. A segunda, constituída de um maior número de atividades de leitura para serem desenvolvidas, na sequência, no contexto da escola, mais especificamente na sala de aula dos alunos que participaram do desencadeamento das ações leitoras, sob orientação do professor que os acompanhou na visita.

Não podemos nos esquecer de que a diversidade dos materiais de leitura desperta efeitos diferenciados entre os leitores, entre os leitores em formação. Tais possibilidades precisam ser observadas e registradas para que se transformem em subsídios fortes às mudanças imprescindíveis e, também, desejadas. O espaço do Mundo da Leitura e as ações de leitura nele pensadas e realizadas se renovam com a ampliação do interesse dos usuários pelas novas concepções da leitura, pelos novos jeitos de ler. O que se objetiva é criar mecanismos de significação dos conteúdos dos materiais oferecidos aos leitores criando uma consciência sobre sua importância e modalidades de leitura colaborativa.

Embora tenhamos notícias das dificuldades de serem planejadas e executadas ações significativas de leitura pelos professores em geral com seus alunos no espaço da escola, acreditamos que o planejamento de práticas leitoras multimídiais pode mudar essa situação. Embora sejamos, também, informados acerca dos obstáculos existentes na aproximação de integrantes da família às ações desenvolvidas na escola, acreditamos que a criatividade no desenvolvimento de ações interdiscipli-

nares e multimídiais possam mudar esse quadro de indiferença. Em se tratando de ações de leitura, a justificativa emerge com uma certa obviedade: não leitores não conseguem desenvolver comportamentos leitores.

Tais considerações permitem que reiteremos as condições da realidade da leitura no Brasil: há evidências de que não faz parte das preocupações peculiares à família enquanto ferramenta de formação, nem se constitui numa de suas prioridades, se levarmos em conta a possibilidade de seus integrantes, em sua maioria, não serem leitores. No contexto da escola, professores em geral, também por não se constituírem em leitores, não têm tratado a leitura como comportamento permanente de transformação pessoal e social do corpo docente e discente. A leitura na escola não emerge de um planejamento global, mas se constitui em ações eventuais, fragmentadas, sobretudo, desvinculadas de um projeto de ascensão social preconizado para o aprimoramento de seus atores.

O diálogo permanente com as escolas por intermédio de encontros com professores, bibliotecários, alunos de distintos anos do Ensino Fundamental que frequentam o Mundo da Leitura, e que, ainda, constituem plateia virtual do programa Mundo da Leitura na TV, apresentado no Canal Futura em quatro edições semanais nacionalmente, permite que se constate um grande entusiasmo pela realização de práticas leitoras multimídiais. Demonstram esses agentes entusiasmo pelo texto impresso, interesse pelos livros literários que lhes são oferecidos pelo acesso ao acervo do próprio Centro ou que lhes são disponibilizados nas sacolas circulantes, juntamente com outros materiais de leitura selecionados pela mesma equipe. Apresentam, especialmente crianças e jovens, curiosidade inestimável pelas linguagens das novas tecnologias. Demonstram aproximação com meios de comunicação tão ricos e tão plenos de novidades como o celular, só para citar um exemplo. Esse entusiasmo, entre representantes de classes mais abastadas, começa a ser visualizado, também na manipulação de *tablets*. Deve ser lembrado o fato de que, em 2011, tivemos a realização da 14ª Jornada Nacional de Literatura e a 6ª Jornadinha Nacional de Literatura, cujo tema e singular programação já se constituiu num grande





estímulo à realização das ações propostas - Leitura entre nós: redes, linguagens e mídias.

O contato com uma nova série de *Roteiros de leitura para a escola II*, publicada pelo Centro de Referência de Literatura e Multimeios, pode provocar algumas indagações: Os objetivos norteadores das atividades desta nova série foram alcançados? O foco temático - Leitura entre nós: redes, linguagens e mídias - entusiasmou os leitores em formação no desenvolvimento das ações propostas? Os retornos dados por professores e alunos participantes da proposta têm sido suficientes para a sua continuidade? O desenvolvimento de práticas leitoras multimediais em duas etapas, no espaço do Mundo da Leitura e, posteriormente, na escola estimulou alunos e respectivos professores a se envolverem com a leitura com maior entusiasmo? Que retornos têm sido dados pelos professores e pelos alunos que participaram da primeira série de roteiros a partir do tema Arte e tecnologia: novos desafios? E mais: o que pretendemos efetivamente com o desenvolvimento de práticas leitoras multimediais? E com a aproximação cada vez maior do leitor em formação com as mídias aprimoradas a curtos espaços pelas novas tecnologias? Quando desejamos que essas práticas estejam a serviço da ampliação do conhecimento e quando da imaginação? Subjaz a todas as propostas a preocupação com o desenvolvimento de uma cidadania crítica?

Enquanto desencadeamos uma reflexão permanente sobre as ações que realizamos, objetivamos, com as contribuições constantes desta publicação dos *Roteiros de leitura para a escola II*, continuar a provocar reflexões entre professores, dirigentes escolares, bibliotecários, agentes culturais, e por sintonia com o mesmo objetivo, entre autoridades educacionais e culturais, entre integrantes da instituição família e da sociedade como um todo sobre a entrada efetiva, visível de diferentes formas, na sociedade do conhecimento, da informação e da comunicação. Continuaremos, portanto, nossa luta pela provocação de inquietações quanto ao universo de possibilidades de leitura existentes em distintos materiais apresentados na diversidade de suportes disponibilizados aos olhos de quem deseja participar dessa sociedade já referida. Nosso propósito

é estimular os sujeitos a vivenciarem experiências de leitura, provocando em cada um novas percepções sobre a leitura e momentos mais prazerosos dedicados ao ato de ler nesse novo contexto da sociedade contemporânea.

A publicação do **Roteiro de práticas leitoras para a escola II** abrange os seguintes módulos: *Artes visuais: explorando os sentidos*, *Quadrinhos: da leitura da imagem ao texto escrito*, *Folclore: resgatando a cultura*, *Redes sociais: o processo de socialização na cultura digital*, *Poesia visual: do impresso ao digital*, *Literatura fantástica: uma viagem ao mundo da imaginação* e *Texto teatral na leitura entre nós*.

Apontamentos sobre a sociedade do conhecimento, da informação e da comunicação

Muitas idéias surgem em nossa mente ao tentarmos caracterizar esse tipo de organização da sociedade. A propósito, o que significa, realmente essa sociedade que caracteriza os tempos atuais? Para Squirra (2005) a Sociedade do Conhecimento pode ser compreendida como sociedade onde o conhecimento é o principal recurso para produção e o principal recurso para criação de riqueza, prosperidade e bem-estar para a população. Por esta razão, o investimento em capital intangível, humano e social é reconhecido como o mais valioso recurso para criação de riqueza. Isto é determinado não pela força de trabalho em si, mas sim em nível científico pelo progresso tecnológico e pela capacidade de aprendizagem das sociedades.

Estudos desenvolvidos pelo autor permitem que, ao considerarmos o potencial e a complexidade desse tipo de sociedade, elaboremos perguntas cujas respostas são determinantes no entendimento dessa organização: quem tem o domínio sobre a mesma? Cabe, sem sombra de dúvida, aos países desenvolvidos o domínio de sua complexidade e da riqueza que envolve. Exclui, certamente, os países pobres econômica, social e culturalmente. Como viver nessa realidade? As possibilidades pressupõem estudos e investigações interdisciplinares aprofundados, com o intuito de compreender a sua essência, entender os fundamen-



tos que a mobilizam, apropriar-se dos mesmos e aproveitar sua riqueza para transformarmo-nos em sujeito consciente de sua abrangência e de seus desdobramentos.

A sociedade do conhecimento ultrapassa a internet e tem como principal componente a informação, a complexidade quantitativa e qualitativa da informação que se destina à comunicação. Nem todos têm acesso a essas informações que podem se transformar em diferentes tipos de riqueza. Entre as perguntas para as quais buscamos resposta efetiva, encontra-se a seguinte: Como poderemos ser incluídos ou mesmo como poderemos pertencer a essa sociedade? Esse pertencimento implica ter acesso às fontes, aos meios de informação e às formas de veiculação da mesma. E ainda, implica ter o domínio desses meios e da complexidade das formas de veiculação dessa informação no viés das mídias entendidas no contexto das inovações tecnológicas, do conhecimento em rede. Implica, ainda, não apenas conhecer as formas de emergência da informação, mas conhecer os seus mecanismos de difusão, as modalidades de aplicação da informação e a necessidade de a mesma ser filtrada em meio à avalanche em que se apresenta a cada um e a todos.

Isto posto, podemos afirmar que o investimento em leitura assume proporções infinitas entre leitores que passam a ter acesso à sociedade do conhecimento, da informação, da comunicação e conseguem participar da mesma ativamente. Por intermédio da leitura, crianças, jovens, adultos podem assumir, de forma gradativa, patamares de criticidade na condução de suas vidas e na atuação em diferentes grupos sociais. Onde podem assumir, inclusive e especialmente, comportamentos mutáveis em função da velocidade das mudanças nas inovações tecnológicas as quais promovem, aceleradamente, transformações determinantes de novos comportamentos individuais e sociais.

Considerações finais

Embora se divulgue que avaliações externas do desempenho de leitura entre jovens como o PISA têm chamado a atenção de autoridades educacionais sobre necessárias e urgentes mudanças a serem implementadas na escola brasileira, não podemos afirmar que crianças e jovens não leem nem escrevem. Nunca se leu tanto e tão diversificadamente. Nunca se escreveu tanto, considerando que cada um e todos os referidos, especialmente os jovens, revelam domínio de códigos empregados na escrita distantes da natureza e das exigências da escrita formal. É a situação desenvolvida entre os interlocutores das redes sociais de relacionamento, onde se constata a comunicação de um para um, de um para muitos, de muitos para muitos, de muitos para um. Há um completo estar à vontade na intenção de comunicar-se. Há uma necessidade de colocarem-se esses jovens como pontos de rede, atraindo, cada vez mais, novos interlocutores, empregando linguagens variadas, recursos visuais e auditivos em cada situação comunicativa, revelando domínio das ferramentas tecnológicas. Cabe ao professor o desenvolvimento de ações formativas desses jovens, a articulação de ações coletivas e de escritas colaborativas o que não está acontecendo no momento atual, observando-se a indiferença que, especialmente os jovens, demonstram em relação à escola, no que diz respeito à sua relação com os professores, coordenação pedagógica, serviço de orientação educacional, direção. Há que se referir, ainda, o distanciamento de um número significativo de docentes das ferramentas eletrônicas disponíveis para a qualificação do ensino e para a ampliação do nível de satisfação dos alunos na aprendizagem formal.

Justifica-se tal comportamento pelo fato de essas lideranças educacionais não estarem preparadas para manipular especialmente as ferramentas de domínio dos alunos. Assim, em vez de o corpo docente exercer a liderança no desenvolvimento do processo educacional, professores estão sendo arrastados pela ação rápida e inovadora do corpo discente, navegando por águas desconhecidas, sem acesso à complexidade das informações disponíveis na chamada nuvem.





Os módulos que compõem esta publicação, resultantes de ações programados com muito rigor pela equipe responsável pelas ações do Centro de Referência de Literatura e Multimídias, demonstram diferentes modos de ler, do impresso ao digital, passando por manifestações culturais desenvolvidas em linguagens de natureza diversa, apresentadas em suportes os mais variados. São práticas leitoras que podem contribuir significativamente para o desenvolvimento da cidadania a partir do acesso à informação, da transformação dessa informação em conhecimento na tomada de decisões críticas pelos leitores de diferentes faixas etárias, usando o potencial de mídias. Constituem mais um desafio ao professor, à professora, aos alunos, aos integrantes da família, propiciando a cada um a emergência de diferentes tipos de leitor, sintonizados pelo prazer da leitura enquanto instrumento de desenvolvimento e de aperfeiçoamento pessoal e profissional.

Cabe-nos agradecer o apoio da Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - que permitiu a publicação desta obra, viabilizando sua divulgação entre alunos e professores de cursos de pós-graduação, atingindo, inclusive, cursos de graduação e o Ensino Básico, contribuindo com a qualificação das discussões nesses níveis de ensino, destacando nosso compromisso em propor ações que possam estimular mudanças no processo educacional brasileiro.

Referências

ESTEVE, José M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, António (org.) *Profissão professor*. Porto - PT: Porto Editora, 1999.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço*. São Paulo: Paulus, 2004.

SQUIRRA, Sebastião. Sociedade do conhecimento. In: MARQUES DE MELO & SATHER (orgs.) *Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação*. São Bernardo do Campo: Editora da UESP, 2005.

ZILBERMAN, Regina. A tela e o jogo: onde está o livro? In: MARTINS, Aracy A., MACHADO, Maria Zélia V., PAULINO, Graça, BELMIRO, Célia Abicalil (orgs.) *Livros & Telas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

http://www.eulaks.eu/concept.html?_lang=pt. Acesso em: 18 out. 2011.





Introdução

Para conhecermos um povo precisamos, primeiramente, conhecer sua cultura, ou seja, o “conjunto de modos de ser, viver, pensar e falar de uma dada formação social” (BOSI, 1992, p. 319). Entretanto, na sociedade globalizada em que estamos inseridos, a hibridação cultural toma proporções tamanhas que, muitas vezes, a busca de tal conhecimento encontra barreiras, pois é difícil apontar qual, de fato, é a cultura típica de determinada região.

Com o avanço dos meios de comunicação tornamo-nos uma aldeia conectada e a cultura de massa passou a guiar grande parte da população. Caracterizada por apelos imediatos como sentimentalismo, agressividade, erotismo, medo, fetichismo e curiosidade, a cultura de massas envolve todas as camadas sociais nivelando por baixo os conhecimentos a serem compartilhados. A cultura de massas é típica de uma sociedade capitalista e não tem caráter lúdico ou adicional, “Não se deve esperar da cultura de massas e, menos ainda, da sua versão capitalista de indústria cultural, o que ela não quer dar: lições de liberdade social e estímulos para a construção de mundo que não esteja atrelado ao dinheiro e ao status” (BOSI, 1992, p. 322).

Uma cultura facilmente confundida com a de massa é a popular. Essa diz respeito a caracteres constantes como “*materialismo, animismo, visão cíclica da existência* (ou *reversibilidade*). Fica implícito no termo *popular* que essa cultura é, acima de tudo, *grupai, supra-individual*, garantia, aliás, de sua perpetuação, que resiste à perda de elementos individuais” (BOSI, 1992, p. 326).

Diferentemente da cultura erudita ou universitária, na cultura popular “os símbolos e os bens culturais não são objeto de análise detida ou de interpretação sistemática. Eles são *vividos* e pensados, esporadicamente, mas não tematizados em abstrato” (BOSI, 1992, p. 320).

A circulação entre as manifestações da cultura popular e da cultura erudita propicia uma reflexão sobre as origens das mesmas e sobre a importância que assumem no desenvolvimento cultural de cada indivíduo.





Ricardo Azevedo (2004) afirma que cultura popular e oralidade são facilmente confundidas, em consequência do grande número de analfabetos e analfabetos funcionais que transmitem seus conhecimentos, adquiridos através de experiências práticas, por meio da oralidade, exclusivamente. Entretanto, por vivermos em uma sociedade oral secundária, em que a oralidade é complementar à escrita, a cultura popular não mais se limita à oralidade, mas aproxima leitor e livro ou outro material de leitura.

Tendo em vista que os meios de comunicação apelam à cultura de massa e as instituições de ensino à cultura erudita, não parece ter sobrado mais nenhum espaço próprio para os modos de ser, pensar e falar, em suma, viver, tradicional-populares; em síntese, para a cultura popular. Por isso, a prática leitora multimídia elaborada para os alunos de 3º e 4º ano do ensino fundamental objetiva identificar as manifestações populares como um conjunto de temas e formas usados ao longo da história de uma comunidade, valorizando-as como referência fundamental para os estudos da literatura em toda a sua complexidade, iniciando pela literatura infantil.

Por meio do uso de manifestações da cultura popular como quadras, trovas, cantigas, adivinhas, contos, o aluno entra em contato com elementos que proporcionam maior conhecimento de sua realidade, auxiliando na assimilação dos conteúdos estudados em sala de aula. O folclore e a oralidade, componentes da cultura popular, unem professores, pais e alunos com um objetivo em comum, o aprendizado. O resgate da cultura popular em sala de aula auxilia o professor a relacionar as experiências dos alunos com o conteúdo escolar de maneira contextualizada, proporcionando um aprendizado significativo, não apenas utilizando-a como pretexto para trabalhar gramática ou conteúdos programados.

Prática Leitora no Mundo da Leitura

Materiais e recursos

Livro *Contos de um vale encantado* (Ática), de Ricardo de Azevedo.

Computador com acesso à internet.

Livro *Contos de Bichos do Mato* (Ática), de Ricardo de Azevedo.

Material de uso comum.

Música *Felicidade*, de Paulo Tatit.

Etapas propostas

1. Recepcionar os alunos apresentando o espaço do Mundo da Leitura.

2. Apresentar oralmente algumas quadras retiradas do livro *Contos de um vale encantado*, de Ricardo de Azevedo, p.12.

Adeus, meu fogão de lenha
Que foi para nunca mais
Deixando o frio no seu lugar
O frio fogão a gás.

Ó senhor mestre carreiro,
Como chama o vosso boi?
O meu chama saudade
De um amor que já se foi.

Meu Santo Antonio querido
Meu santo de carne e osso
Senão me der um marido
Eu jogo você pelo poço.

Com jeito tudo se arranja
De tudo o jeito é capaz
A coisa é ajeitar o jeito
Só que isso ninguém faz.

Uma xícara de café
Anima qualquer roceiro
Mas o beijo da morena
Vale mais que o mundo inteiro.

Forma poética escrita, constituída de quatro versos (linhas), rimados normalmente o 2º com o 4º verso. Vem desde os séculos XI e XIV, quando os poetas portugueses já imitavam a poesia provençal. O trovador desta modalidade poética expressa todo um pensamento em uma única estrofe, demonstrando o poder da síntese.
<http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/198625>

Oralidade é transmissão oral de conhecimentos armazenados na memória. A primeira forma de armazenamento de coisas e transmissão de conhecimento, pois como não havia escrita era feita através da fala.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Oralidade>

3. Perguntar aos alunos se conhecem alguma quadrinha. Os que souberem poderão recitá-las. Explicar o que caracteriza uma quadra.

4. Passar o curta *Dito pelo não dito*, disponível no Youtube, http://www.youtube.com/watch?v=8UA_tXM3xrY&feature=related.

5. Propor uma discussão sobre o tema principal do curta e sobre como Benedito entendia, ou não entendia, o que os adultos conversavam.

6. Apresentar alguns ditos populares, instigando os alunos a refletirem sobre seus significados:

- Pra quem monta burro esperto, qualquer lonjura é mais perto.
- Pra quem ama, catinga de bode é cheiro.
- Pelo afinar da viola se conhece o cantador.
- Depois da briga aparecem os valentes.
- Cobertor de pobre é fogo aceso.
- Com mulher de bigode, nem o Diabo pode.
- Mas será o Benedito?

7. Perguntar aos alunos se conhecem outros ditados populares.

8. Contar a história “A casa do macaco e a da onça”, do livro *Contos de Bichos do Mato*, de Ricardo Azevedo, por meio de teatro de objetos.

9. Apresentar a definição de **oralidade**.

10. Propiciar a audição da música *Felicidade*, de Luiz Tatit.

Felicidade

Não sei porque eu tô tão feliz
Não há motivo algum pra ter
tanta felicidade
Não sei o que que foi que eu fiz
Se eu fui perdendo o senso de
realidade
Um sentimento indefinido
Foi me tomando ao cair da tarde
Infelizmente era felicidade
Claro que é muito gostoso
Claro que eu não acredito
Felicidade assim sem mais nem
menos é muito esquisito

Não sei porque eu tô tão feliz
Preciso refletir um pouco e sair
do barato

Não posso continuar assim feliz
Como se fosse um sentimento
inato
Sem ter o menor motivo
Sem uma razão de fato
Ser feliz assim é meio chato
E as coisas nem vão muito bem
Perdi o dinheiro que eu tinha
guardado
E pra completar depois disso
Eu fui despedido e estou
desempregado
Amor que sempre foi meu forte
Não tenho tido muita sorte
Estou sozinho, sem saída, sem
dinheiro e sem comida
E feliz da vida!!!

TATIT, Luiz. *Felicidade*. In: TATIT, Luiz.
Felicidade. Dabliu, 1997.

11. No espaço virtual, apresentar o site de jogos com provérbios, <http://ludotech.eu/jogos/forca/proverb.htm>.



Registro iconográfico





Prática Leitora na Escola

Atividade 1: A oralidade da trova e da quadra.

Objetivos

Apresentar exemplos de trova literária e de quadras populares divertidas de se fazer. Identificar a semelhança entre quadras, trovas e cordel, assim como conhecer xilogravura e produzir uma isogravura.

Materiais e recursos

Computador com acesso à internet.

Material de uso comum.

Livro *Contos e Lendas de um vale encantado* (Ática), de Ricardo de Azevedo.

Livro *A história de Juvenal e o Dragão* (Projeto), recontada por Rosinha.

Etapas propostas

1. Apresentar textos exemplos de quadra e outros, de trova. Destacar as diferenças entre essas espécies literárias.
2. Perguntar aos alunos se conhecem ou já ouviram alguma trova. Demonstrar as características da trova literária.
3. Apresentar algumas quadras do livro *Contos e lendas de um vale encantado*, Ricardo Azevedo.

Trova literária poema de quatro versos com sentido completo. O autor da trova deverá colocar nos quatro versos toda a sua ideia. Cada verso deverá ter sete sílabas poéticas.

Fonte: <http://portalliter.al.terra.com.br/artigos/definicoes-e-origem-da-trova>

Eu plantei um pé de cana
Na noite de São José
Mas em vez de nascer cana
Nasceu um pé de café.

O marmelo é fruta boa
Que dá na ponta da vara
Quem rouba o amor do outro
Não tem vergonha na cara.



Lá do céu caiu uma estrela
Que se quebra em mil pedaços
Eu queria ser estrela
Pra me quebrar em teus braços.

Santo Antônio, São João
São Pedro, São Cipriano
Vou fazer uma promessa
Pra ver se caso esse ano.

4. Solicitar uma pesquisa sobre quadras e trovas.
5. Propor a produção de uma quadra individualmente, a qual deverá ser socializada com os demais colegas.
6. Pesquisar em livros ou na internet sobre literatura de cordel, atentando às semelhanças à trova. Ambas apresentam rima.
7. Contar *A história de Juvenal e o dragão*, recontada por Rosinha. A história poderá ser contada por meio de imagens.
8. Discutir o tema da obra, sua história e como foram feitas as ilustrações dos livros.
9. Exibir os vídeos de abertura e chamada da novela *Cordel Encantando*, disponíveis no *Youtube*.
http://www.youtube.com/watch?v=_bgzOrjDvQ&feature=related
<http://www.youtube.com/watch?v=K7mWIORNVkg&feature=related>
<http://www.youtube.com/watch?v=-GvQxFYJvTE>
10. Exibir o programa Globo Rural especial sobre Literatura de Cordel exibido no dia 02 de janeiro de 2011, disponível no *Youtube*
<http://www.youtube.com/watch?v=H6-stzGNJuE>
<http://www.youtube.com/watch?v=H6-stzGNJuE>
Esse programa, além de contar a história da literatura de cordel, apresenta exemplos de obras dessa literatura e analisa as ilustrações que costumam acompanhar tais produções.

11. Produzir com os alunos uma isogravura, técnica adaptada e mais viável da xilogravura. Na isogravura, no lugar da madeira será usado o isopor:

- Entregar uma bandeja de isopor para cada aluno.
- Cada um deverá usar uma caneta para fazer o desenho que desejar no isopor.
- Passar a tinta preta com um rolo por cima dos desenhos.
- Colocar o papel por cima, com o intuito de passar a imagem para a folha de papel.





Atividade 2: Oralizando ditos populares

Objetivos

Dialogar sobre ditados populares. Incentivar o uso do computador e da rede no desenvolvimento de um trabalho coletivo.

Materiais e recursos

Livro *O menino que não mascava Chicle* (Paulinas), de Leo Cunha.

Livro *Meu livro de Folclore* (Ática), de Ricardo Azevedo

Computador com acesso à internet.

Material de uso comum.

Etapas propostas

1. Exibir a propaganda *Honda Ditados Populares*, disponível no site do *Youtube*, http://www.youtube.com/watch?v=8UA_tXM3xrY&feature=related.
2. Discutir com os alunos o conteúdo dos ditados populares que aparecem no comercial da Honda.
3. Contar a história *O menino que não mascava Chicle*, de Leo Cunha.
4. Comentar a história e analisar o perfil de seu personagem principal, o qual não gostava de mascar chicle, mas que adorava fazer jogos com as palavras.
5. Pedir que os alunos brinquem com os ditados que conhecem assim como o personagem do livro, em seguida deverão apresentar aos demais colegas.

6. Explicar a origem dos ditados populares. Sendo os ditados frases ditas por várias pessoas e repetidas inúmeras vezes, não é possível saber quem os inventou. Os ditos populares são baseados no senso comum.

7. Apresentar alguns ditos populares disponíveis na obra *Meu livro de Folclore*, de Ricardo Azevedo.

- Quem compra o que não pode vende o que não quer.
- Em boca fechada não entra mosca.
- Quem tira retrato de graça é espelho.
- Mais vale um hoje do que dois amanhã.
- Quem senta na garupa não pega na rédea.

8. Solicitar aos alunos que observem no site de relacionamento *Orkut* as comunidades que se valem de ditados populares e que percebam os comentários nos fóruns sobre esse assunto.

9. Criar um *blog* da turma, no qual todos deverão postar os jogos que fizeram com os ditados populares.



Atividade 3: Contando com a oralidade

Objetivos

Aproximar os alunos à contação de história e incentivá-los a contarem as suas próprias histórias. Apresentar lendas e diferentes possibilidades de contação de histórias. Estimular o uso do computador.

Materiais e recursos

Livro *Contos de Bichos do Mato* (Ática), Ricardo Azevedo.

Livro *Animais Brasileiros* (Paulus), Gláucia Lombardi

Livro *Contos e lendas de um vale encantado* (Ática), de Ricardo de Azevedo.

Áudio *Festa no céu*, de Moraes Moreira.

Programa Mundo da Leitura na TV - episódio 103 - série 8.

Computador com acesso à internet.

Filmadora.

Material de uso comum.

Aparelho de som.



Etapas propostas

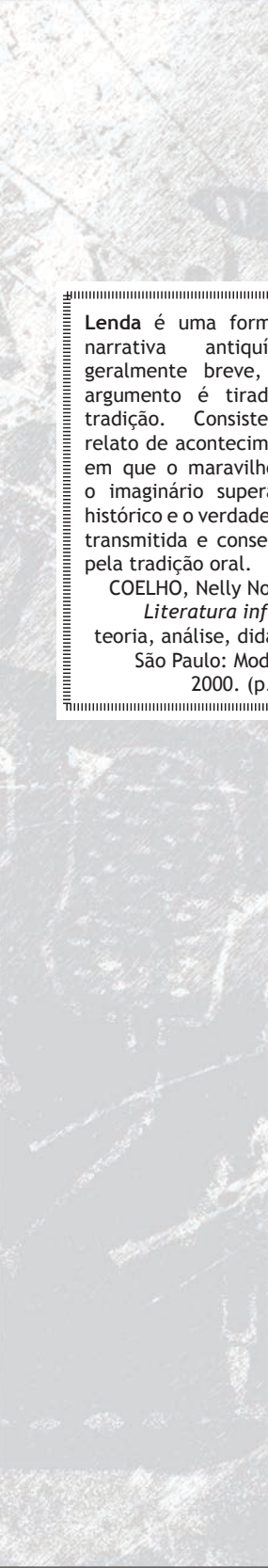
1. Assistir com os alunos à história *O piriquitin, o bem-te-vi e o carcará*, contada no programa Mundo da Leitura na TV episódio 103, série 8.

2. Discutir a história e a forma como é contada. Perguntar aos alunos se essa história faz parte da oralidade e o porquê de se encaixar, ou não.

3. Produzir, seguindo as instruções da obra *Animais Brasileiros*, de Gláucia Lombardi, animais em origami.

4. Contar a história a “Lenda do Tatu”, do livro *Contos e lendas de vale encantado*, de Ricardo Azevedo. A história





Lenda é uma forma de narrativa antiquíssima geralmente breve, cujo argumento é tirado da tradição. Consiste no relato de acontecimentos em que o maravilhoso e o imaginário superam o histórico e o verdadeiro. É transmitida e conservada pela tradição oral.

COELHO, Nelly Novaes.
Literatura infantil:
teoria, análise, didática.
São Paulo: Moderna,
2000. (p. 171)

poderá ser contada por meio da fala do professor.

5. Discutir com os alunos a lenda e perguntar se sabem o que é uma **lenda**.

6. Propor a audição da lenda *Festa no céu*, de Moraes Moreira, do CD *Lendas brasileiras*.

7. Solicitar aos alunos que realizem uma pesquisa, a fim de averiguar quais lendas os demais alunos da escola conhecem e apreciam.

8. Em grupos, propor a apresentação dessas lendas, na forma que escolherem, com imagens, contação de história, fotografia, etc.

9. Fazer um vídeo e postar no *blog*, onde cada um poderá apresentar a sua opinião sobre o trabalho do grupo.

10. Promover um dia de exibição das histórias na turma.

Atividade 4: Superstição - fechando a tesoura.

Objetivos

Apresentar as crenças e superstições que fazem parte do folclore brasileiro. Conhecer melhor os alunos, por meio de suas crenças. Contribuir para a formação de um aluno crítico e apto a defender seu ponto de vista.



Materiais e recursos

Computador com acesso à internet.

Livro *Crendices e superstições* (Formato Editorial), de Marcelo Xavier.

Etapas propostas

1. Assistir ao curta metragem disponível no Youtube, *Superstições*. <http://www.youtube.com/watch?v=NL2AZUbjcl>
2. Analisar o vídeo assistido, questionando a percepção dos alunos das superstições presentes no curta.
3. Identificar o conhecimento dos alunos sobre superstições e apresentar o ponto de vista de Marcelo Xavier demonstrado no livro *Crendices e Superstições*.

“João Boa-Sorte tinha um amigo, Benedito. Os dois não se largavam. Iam juntos pra escola, pra igreja, pra todo lado. Eram mais que irmãos.

Um dia, Benedito apareceu com um osso de frango em forma de V, que ele tinha deixado secar por vários dias.

- Vamo ver quem fica com a sorte.

João segurou numa ponta do osso e Benedito na outra. Puxaram, cada um pro seu lado, e plec! O

A palavra crendices vem de crença. E ter crença é acreditar em coisas importantes como Deus, a amizade, o amor, o conhecimento. Muitas vezes o povo acredita em coisas consideradas absurdas ou até mesmo ridículas. Crenças desse tipo são chamadas crendices, superstições. Acreditar que um sol desenhado no chão faz parar de chover, ou que uma moeda da sorte não deixa faltar dinheiro na carteira são exemplos de crendices que o povo não esquece!

As primeiras crendices surgiram nas sociedades primitivas. Vivendo em contato direto com a Natureza, o homem primitivo se sentia ameaçado pelas tempestades, pelas pragas, doenças e pelos animais ferozes. Passou, então, a acreditar que alguns objetos, rezas, gestos, ou alimentos tinham um mágico poder de proteção contra todos aqueles males. Isso, se não era real, pelo menos aliviava seus medos e aumentava suas esperanças de sobrevivência.

XAVIER, Marcelo. *Crendices e superstições*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001. (p. 9)



osso se partiu em dois pedaços. João ficou com o pedaço maior - portanto, a sorte era dele. Guardou depressa o pedaço de osso no bolso, pra ela não fugir.”

XAVIER, Marcelo. *Crendices e superstições*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

4. Exibir o vídeo da música *Crenças e Superstições*, de Valter Silva e Elaine Buzato, disponível no *Youtube*. <http://www.youtube.com/watch?v=x77MwDEVJxY&feature=related>

5. Socializar as crendices dos alunos, como por exemplo, o não passar embaixo da escada, não deixar a tesoura aberta, não cruzar com gato preto. Perguntar com quem eles aprenderam o que se deve ou não fazer para se ter sorte ou conseguir o que se quer.

6. Organizar a turma em quatro grupos, a fim de formar um tribunal em que um grupo irá defender as crendices e superstições, outro irá acusar, quem serão os juizes e os que se constituirão no júri. Prosseguir o debate aos moldes de um júri popular, possibilitando que os grupos se posicionem e argumentem seu ponto de vista referente às crendices e superstições. Para finalizar, os juizes darão seu veredicto e devem esclarecer se os argumentos de defesa e acusação os fizeram mudar de opinião e o porquê.

Atividade 5: Brinquedos e cantigas folclóricas.

Objetivos

Mostrar para os alunos formas diferentes de brincadeiras. Apresentar obras de arte para que possam conhecê-las, assim como seu pintor e, ainda, criar a sua própria obra. Incentivar a pesquisa.

Materiais e recursos

Livro *Brinquedos e Brincadeiras* (Moderna), de Nereide Schilaro Santa Rosa.

Livro *O tesouro das cantigas para crianças* (Nova Fronteira), de Ana Maria Machado.

Livro *A arte de olhar Festas* (Scipione), de Nereide Schilaro Santa Rosa.

Projeto multimídia.

Material de uso comum.

Computador com acesso à internet.

Etapas propostas

1. Mostrar a obra ao lado, *Meninos soltando pipa*, de Cândido Portinari, presente no livro *Brinquedos e Brincadeiras*, de Nereide Schilaro Santa Rosa. O quadro pode ser projetado para que os alunos possam ver de maneira ampliada e colorida.
2. Realizar uma leitura coletiva do quadro, questionando o que os alunos observam na obra.
3. Identificar quais as brincadeiras que os alunos costumam brincar, como brincam e se já confeccionaram algum brinquedo.
4. Explicar sobre brincadeiras folclóricas e o porquê de serem chamadas assim.



5. Confeccionar com os alunos um bilboquê, disponível no site do Programa Mundo da Leitura na TV, oficina do episódio 70.

6. Solicitar que os alunos realizem uma entrevista com seus familiares sobre os brinquedos que eles conhecem da cultura popular.

7. Socializar as respostas dadas nas entrevistas.

8. Organizar a turma em grupos e solicitar que cada grupo escolha um brinquedo para pesquisar. O grupo deverá explicar sobre a origem do brinquedo escolhido, como se brinca e ensinar a fazer.

9. Promover um campeonato de bilboquê na turma, o qual pode ser dividido em categorias, como por exemplo, menino/menina ou agilidade. Posteriormente, realizar o “campeão de bilboquê da turma”, promovendo uma competição com os vencedores de cada equipe.

10. Cantar a cantiga *Pirulito*.

Cantiga de roda é um tipo de canção infantil popular, relacionada a brincadeiras de roda. Incluídas nas tradições orais em inúmeras culturas, as cantigas do folclore brasileiro sofrem influência africana, européia e indígena.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Cantiga_de_roda

Pirulito que bate-bate,
Pirulito que já bateu,
Quem gosta de mim é ela,
Quem gosta dela sou eu.

MACHADO, Ana Maria, *O tesouro das cantigas para crianças*.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

11. Explicar sobre cantigas de roda, as quais também são forma de brincadeira.

12. Criar um espaço colaborativo no *Google Docs*, no qual cada aluno poderá postar a cantiga de que mais gosta.

13. Apresentar aos alunos as telas *Roda de samba no terreiro*, de Heitor dos Prazeres, encontrada no livro *A arte de olhar Festas*, de Nereide Schilaro Santa Rosa; *A ciranda*, do pintor Gilvan, disponível no livro *Brinquedos e Brincadeiras*, de Nereide Schilaro Santa Rosa; e *Meninas Brincando de roda*, de Orlando Teruz.

14. Solicitar que os alunos criem uma tela, podendo inspirar-se nas obras observadas anteriormente, na qual retratem, por meio da pintura, brincadeiras e cantigas.

15. Confeccionar um painel para expor as pinturas da turma.





Referências

AZEVEDO, Ricardo. *Armazém do Folclore*. São Paulo: Ática, 2000.

_____. *Contos de bichos do mato*. São Paulo: Ática, 2005.

_____. *Contos e lendas de um vale encantado*. São Paulo: Ática, 2010.

_____. *Meu livro de folclore*. São Paulo: Ática, 1997.

BARROS, Leandro Gomes de. *A história de Juvenal e o Dragão*. Porto Alegre: Projeto, 2010.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 2ª ed. Brasília: INL, 1978.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, Leo. *O menino que não mascava chicle*. 5ª ed. São Paulo: Paulinas, 1994.

GOMES, Lenice. *Pelas ruas da oralidade: adivinhas, parlendas, trava-línguas, provérbios e trancoso*. São Paulo: Paulinas, 2003.

LOMBARDI, Gláucia. *Animais Brasileiro: ameaçados de extinção*. São Paulo: Paulus, 2006.

MACHADO, Ana Maria, *O tesouro das cantigas para crianças*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy. *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas: Papirus, 1998.

RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BARBOSA, Marcia Helena Saldanha (Coord.). *Leitura, identidade e patrimônio cultural*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2004.

RIOS, Rosana. *O reino dos mal-humorados*. São Paulo: Scipione, 1996.

SANTA ROSA, Nereide Schilaro. *A arte de olhar festas*. São Paulo: Scipione, 2003.

_____. *Brinquedos e brincadeiras*. São Paulo: Moderna, 2001.

_____. *Etnias e cultura*. São Paulo: Moderna, 2004.

_____. *Religiões e crenças*. São Paulo: Moderna, 2001.

SANTOS, Joel Rufino. *História de Trancoso*. São Paulo: Ática, 1985.

SISTO, Celso; ABAD, Ernesto Rodrigues; CINETTO, Liliana; FREITAS, Roberto de; GAMBÁ, Juan (Orgs.). *A história fora do papel: a oralidade e o espetáculo*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.

XAVIER, Marcelo. *Crendices e superstições*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

_____. *Festas*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2000.

_____. *Mitos: O folclore do mestre André*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 1997.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

MUNDO DA LEITURA NA TV, episódio 103 - série 8. Disponível para empréstimo no Mundo da Leitura.

TATIT, Luiz. *Felicidade*. In: TATIT, Luiz. *Felicidade*. Dabliu, 1997.

CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES. Tempo de Brincar. Valter Silva e Elaine Buzato. Tratore. 2008.

FESTA NO CÉU. Lendas Brasileiras. Vários Artistas. Emi Music. 2006.

Youtube - Curta - Dito pelo não dito. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=smFj1BOVwGo&feature=related>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

Oralidade - Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Oralidade>>. Acesso em: 14 jan. 2011.

Definições e origem da trova. Disponível em: <<http://portalliteral.terra.com.br/artigos/definicoes-e-origem-da-trova>>. Acesso em: 14 jan. 2011.

Youtube - Honda Ditados Populares. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=8UA_tXM3xrY&feature=related>. Acesso em: 14 jan. 2011.

Youtube - Crenças e Mitos. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=x77MwDEVJxY&feature=related>>. Acesso em: 18 jan. 2011.

orkut - DITADOS POPULARES da Internet. Disponível em:
<<http://www.orkut.com/Main#Community?cmm=109275505>>.
Acesso em: 14 mar. 2011.

orkut - adoro ditados populares. Disponível em:
<<http://www.orkut.com/Main#Community?cmm=199859>>.
Acesso em: 14 mar. 2011.

orkut - Ditos Populares. Disponível em:
<<http://www.orkut.com/Main#Community?cmm=55493>>.
Acesso em: 14 mar. 2011.

orkut - Ditos e Proverbios Populares. Disponível em:
<<http://www.orkut.com/Main#Community?cmm=3529603>>.
Acesso em: 14 mar. 2011.

Superstições - Youtube. Disponível em:
<<http://www.youtube.com/watch?v=NL2AZUsbjcl>>.
Acesso em: 21 nov. 2011.

Cantiga de roda - Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cantiga_de_roda>.
Acesso em: 14 mar. 2011.

A trova popular ou quadrinha. Disponível em:
<<http://www.webartigos.com/articles/53255/1/A-TROVA-POPULAR-OU-QUADRINHA/pagina1.html>>.
Acesso em: 14 mar. 2011.

The Water Cobwebs: July 2010. Disponível em:
<http://watercobwebs.blogspot.com/2010_07_01_archive.html>.
Acesso em: 14 mar. 2011.

Métrica (poesia) - Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A9trica_%28poesia%29>.
Acesso em: 14 mar. 2011.

Mundo da Leitura. Disponível em:
<<http://mundodaleitura.upf.br/programa/index.php>>.
Acesso em: 14 mar. 2011.

ARDOIM, Telma. *Os Ecos da Oralidade na Música Popular Brasileira*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/17/19.htm>>. Acesso em: 14 mar. 2011.

Luiz Tatit. Disponível em: <<http://www.mpbnet.com.br/canto.brasileiro/luiz.tatit/index.html>>.
Acesso em: 14 mar. 2011.

TATIT, Luiz. *Luiz Tatit*. Disponível em:
<<http://www.luitatit.com.br/>>. Acesso em: 14 mar. 2011.

Tradição Oral - Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tradi%C3%A7%C3%A3o_oral>. Acesso em: 14 mar. 2011.

Comidas do folclore brasileiro. Disponível em:
<<http://www.mundodanet.com/comidas-do-folclore-brasileiro/>>. Acesso em: 14 mar. 2011.

Programa Globo Rural especial sobre Literatura de Cordel exibido no dia 02 de janeiro de 2011. Disponível em:
<<http://www.youtube.com/watch?v=H6-stzGNJuE>>. Acesso em: 22 set. 2011

Abertura da novela Cordel Encantado. Disponível em:
<http://www.youtube.com/watch?v=_bgzOrjDvQ&feature=related> Acesso em: 22 set. 2011.

Vinheta da novela Cordel Encantado. Disponível em:
<<http://www.youtube.com/watch?v=K7mWIORNVkg&feature=related>> Acesso em: 22 set. 2011.

<<http://www.youtube.com/watch?v=-GvQxFYJvTE>>. Acesso em: 22 set. 2011.



Sugestões de leitura

Livros

ZILBERMAN, Regina. *Dos contos tradicionais ao folclore*. In.: ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. - Capítulo que discorre sobre os contos de fadas desde os seus primeiros livros até as histórias de trancoso, contos populares do Brasil, assim como constrói um paralelo entre os contos tradicionais e as histórias que passaram por um processo de renovação.

PRATA, Mario. *Mas será o Benedito?*. 16ªed. São Paulo: Globo, 1999. - Dicionário de provérbios e ditados populares, no qual algumas explicações são verdadeiras, outras são ficcionais, onde o autor também cria situações engraçadas para cada provérbio, facilitando, assim, a explicação de cada um deles. Poderá auxiliar nas atividades propostas que usam provérbios e ditados populares.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000. - Este livro discorre sobre a literatura infantil na era da velocidade e do imediatismo, fazendo um painel de análises e questionamentos acerca do fenômeno literário. Contém capítulos que podem esclarecer algumas teorias em relação às sugestões propostas por esse roteiro como: O ato de contar, maravilhoso popular ou folclórico: conto, lendas e mitos e A literatura infantil: gênero ou forma?.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. São Paulo: Global, 2003. - Produzido com o objetivo de mostrar a literatura infantil como um instrumento de conscientização da criança, fazendo da literatura um momento de prazer. Este livro propõe um olhar diferente sobre essa literatura, fazendo paralelos entre autores, obras e meios de comunicação.

TATIT, Luiz. A construção do sentido na canção popular. In.: _____. *Musicando a semiótica: ensaios*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2008. - Sabendo que Luiz Tatit é um estudioso da língua e da cultura popular, encontrou-se neste capítulo suporte sobre a música, oralidade e a definição da música popular.

SOUSA, Maurício de. *Turma da Mônica - folclore brasileiro*. São Paulo: Girassol, 2010. - Neste livro, os personagens da Turma da Mônica apresentam o diversificado folclore brasileiro. São cantigas de roda, parlendas, trava-línguas, músicas, adivinhas, provérbios, crendices, trovas, acalantos e brincadeiras que atravessaram gerações e gerações.

MARTINS, Maria Silva Cintra. *Oralidade, escrita e papéis sociais na infância*. Campinas: Mercado das Letras, 2008. - Nesta obra, não se trata nem de se tentar afastar, de forma absoluta, as crianças menores do mundo da escrita, nem de enquadrar as crianças no mundo letrado adulto, sem levar em conta os processos de construção da linguagem e dos papéis sociais que já estão em andamento. Por isso mesmo, tendo no horizonte a questão candente da inserção das crianças no mundo letrado, a autora desenvolve uma série de outros temas que dizem respeito à linguagem e ao universo cognitivo infantil, e que formam um pano de fundo para a reflexão sobre a apropriação da linguagem escrita.

Audiovisuais

MUNDO ENCANTADO DO FOLCLORE. 2009. Ultra Comunicação. - DVD com histórias folclóricas, destacadas pelo que há de mais rico no contexto popular brasileiro. O mundo colorido do Folclore explora o educativo por meio da fantasia e traz a cultura regional do país como elemento difusor do conhecimento. Imagine poder encontrar na floresta personagens caracterizados por travessuras que se aproximam da personalidade das crianças, ou responsáveis por determina-

das funções protetoras da natureza. Muitas cores, cenários detalhados e principalmente muita música nesta mistura do real e do lúdico.

INTÉRPRETES do Brasil no século XX - O Folclore em Questão: Câmara Cascudo. Diretor: Gilberto Vasconcelos. São Paulo: Log on, 2005. - Gilberto Vasconcellos fala sobre a obra de Câmara Cascudo e de como o autor pesquisou todas as manifestações folclóricas no Brasil. De acordo com a fala do professor Gilberto, Câmara Cascudo dizia que o folclore se manifesta regionalmente. Cada região tem que ter a sua cultura para não perder sua identidade. Gilberto Felisberto Vasconcellos é professor de ciências sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG).

Internet

SBJ Produções. *Coleção Folclore Brasileiro*. Disponível em: <http://www.sbjproducoes.com.br/catalogo/cat_folclore.php>. Acesso em: 14 dez. 2011. - Uma sensacional coleção em 8 volumes, que traz tudo o que é preciso saber sobre o rico e diversificado Folclore Brasileiro. Realizado sob a supervisão do Prof. Dr. André Luiz Nakamura, um dos organizadores do maior Festival de Folclore do Brasil, que acontece há mais de 35 anos em Olímpia, interior de São Paulo, esta coleção traz os mitos, lendas, danças, crenças, simpatias, superstições, comidas típicas, brincadeiras, e a rica literatura oral que cobre todo nosso enorme território.

AZEVEDO, Ricardo. *Site Ricardo Azevedo*. Disponível em <<http://www.ricardoazevedo.com.br/menu.htm>>. Acesso em: 3 dez. 2011. - Site que contém pesquisas, entrevistas, ilustrações, canções, trechos de livros e artigos que podem auxiliar o professor a trabalhar com a temática.

Revista Jangada Brasil. Disponível em: <<http://www.jangadabrasil.org/>>. Acesso em: 18 nov. 2011. - Site que contém temas específicos da cultura popular brasileira como: santos populares, cirandas, adivinhas, lendas, brincadeiras, brinquedos, parlendas, trava-línguas, além de indicações de blogs sobre o assunto.

Saci sem cachimbo, lobo sem dente e gente sem pensamento. Disponível em: < http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI142334-15230,00_SACI+SEM+CACHIMBO+LOBO+SEM+DENTES+E+GENTE+SEM+PENSAMENTO.html>. Acesso em: 19 nov. 2011. - Eliane Brum, colunista da Revista Época, escreve sobre o tema polêmico das mudanças nos contos de fadas, cantigas e histórias folclóricas pelos textos politicamente corretos. Entrevista Mário Corso que é psicanalista e fala com propriedade sobre a importância dos vilões e da violência nas histórias tradicionais.

Smart Kids especial sobre folclore brasileiro. Disponível em: <<http://www.smartkids.com.br/especiais/folclore-brasileiro.html>>. Acesso em: 25 nov. 2011. - Site voltado para criança, com diversos temas e uma sessão especial sobre folclore brasileiro. Apresenta explicações sobre o tema e jogos para crianças.

Revista Recreio. Disponível em: <<http://recreionline.abril.com.br/busca/?qu=folclore>>. Acesso em: 25 nov. 2011. - Site da revista *Recreio* que contém uma parte que é especificamente sobre folclore, onde se encontram algumas lendas do folclore brasileiro e jogos sobre superstições.

Entrevista com Ricardo Azevedo para o site Educacional. Disponível em: <<http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0090.asp>>. Acesso em: 25 nov. 2011. - Entrevista com Ricardo Azevedo sobre literatura infantil, a influência das mídias para formação dos leitores, os livros que escreve e folclore brasileiro.

Site Academia Brasileira de Literatura de cordel. Dispo-

nível em: <<http://www.ablc.com.br/index.htm>>. Acesso em: 28 nov. 2011. - Com o intuito de conhecer um pouco mais sobre a literatura de cordel indica-se esse site que contém desde a história da literatura de cordel, capas de folhetos, cordéis disponíveis para leitura, gravuras ou capas e métricas que podem auxiliar na criação de cordéis.

O jeito certo de trabalhar o folclore, no site da Revista Nova Escola. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/jeito-certo-trabalhar-folclore-635351.shtml>>. Acesso em: 28 nov. 2011. - Apresenta uma crítica aos professores que trabalham com o tema apenas no mês de agosto e com coisas específicas como lendas e cantigas de roda, pois o folclore é mais que isso. Também oferece sugestões de como pode ser trabalhado o folclore em sala de aula.



